

no entanto de que Israel passa a experimentar uma recuperação econômica sob Jeroboão II. Os arqueólogos descobriram que o padrão de vida melhorou, aumentou o número de habitantes em algumas cidades, como na Samaria, Meguido e Dã, foram ampliadas. Os resultados arqueológicos sugerem que as áreas economicamente fortes, especialmente a Galileia e a planície de Jezrael, sob Jeroboão II, são controladas novamente por Israel, e não pelos arameus. Um edifício com fileira de pilares, em Meguido, que arqueólogos, logo depois de sua descoberta, inicialmente haviam interpretado como estábulos de cavalos do rei Salomão, provavelmente pertence à época desse Rei Israelita. Tal construção, quer seja estábulos de cavalos, quer não (ainda é assunto de acalorado debate entre os pesquisadores), dificilmente pode ser datada de antes do século VIII. Em Meguido também foi encontrado um selo que mostra um leão rugindo, símbolo do domínio régio, como a inscrição em hebraico antigo: “Pertence a Shema, servo (oficial) de Jeroboão”. Há indícios de que se trata do Rei Israelita Jeroboão II. Parece ser um selo régio oficial e, portanto, um testemunho da gestão administrativa sob Jeroboão II. As descobertas arqueológicas mostram que Meguido, depois da Samaria, parece ser a segunda cidade mais importante do governo real e um tipo de centro militar. É também datadas do tempo de Jeroboão II a maioria das tabuinhas de marfim encontradas pelos arqueólogos na Samaria. [...] Os óstracos da Samaria são cacos de argila - 102 no total – que atestam a entrega de vinho e de azeite de diversas localidades da redondeza para o palácio.

Possivelmente, tais entrega já assemelhem-se a um tributo ou contribuição à corte real. [...] Contudo a recuperação econômica geral sob Jeroboão II, obviamente, não beneficiou todos os israelitas no Reino do Norte. Pelo menos é isso que se pode deduzir do escrito do profeta Amós que oferece uma visão das condições sociais. De acordo com Melanie, o próprio Amós provém de Judá, mas atua no Reino do Norte. Ali ele castigou os [malfeitores] sociais. E suas palavras pode concluir que a sociedade está fortemente dividida sob Jeroboão II. Existe uma pequena elite, muito rica, que contrasta com uma grande subclasse. A classe superior vive predominantemente nas cidades, principalmente na capital Samaria. Ali ela explora sua posição de poder sobre os pobres, a fim de permitir-se uma vida luxuosa. Amós denuncia abertamente a falta do direito e da justiça. Urbanização, divisão do trabalho e especialização, juntamente com uma atitude não solidária dos mais favorecidos, levaram francamente a uma grande injustiça social.

Estrutura Bíblica (Zenger, p. 481)

A redação do livro de Amós sofreu interferência dos escritores deuteronomistas e redatores do período do exílio e pós-exílio. Pode-se dividir o livro em três ou quatro partes. Já que segundo Erich Zenger, o livro de Amós é formado - além do título em 1,1 – por quatro partes. [Mas] há boas razões para entender as partes 3 e 4, [...], também como um só bloco.

1ª parte: 1,2-2,16: ciclo de oráculos sobre as nações; 2ª parte 3,1-6,14: palavras de desgraça contra (o Reino do Norte) Israel; 3ª parte 7,1-9,6: ciclo de visões; e a 4ª parte 9,7-15: palavras de salvação para todo o Israel.

Literatura Profética



Amós

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO
Faculdade de Teologia
INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS
SUPERIORES
CRUZ DOUGLAS; CRUZ JOÃO; KATANHA
MARIANO; LIMA LUIS; OLIVEIRA FABRÍCIO E
SANTOS GUSTAVO.
Prof. Shigeyuki Nakanose
São Paulo, 27 de março de 2023

Biografia (SCHWANTES, 49-53)

Segundo Milton Schwantes, o que sabemos de Amós hoje está na dependência de sua atuação. [...] O seu nome deve-se a forma abreviada de 'amos-yah, isto é, "Javé carrega/ sustenta". No Primeiro Testamento, este nome não se repete, mas tem seu similar em 2Cr 17,16. Nosso Amós é originário de Técuá, um povoado ao sul de Jerusalém, situado, portanto, em Judá.

Técuá (ou Teqoa, hoje Tuqu), uma pequena cidade da tribo de Judá (Am 1,1), mas relativamente rica, sua localização é de aproximadamente dezessete quilômetros ao sul de Jerusalém e entre nove a dez quilômetros a sudeste de Belém.

Não se trata de uma localidade muito conhecida no Primeiro Testamento. Fazia parte das fortificações do [Reino do] Sul (cf. 2Cr 11,6; 20,20; Jr 6,1, veja também 2Sm 23,26; 1Cr 11,28). Afora isso, um dos episódios na vida de Davi tem uma mulher sábia de Técuá como personagem central (cf. 2Sm 14). É possível que tenha sido uma das aldeias em que a sabedoria popular é especialmente cultivada. Em todo caso a sabedoria clânica é a matriz de intelectual da profecia de Amós. Tradições cultícas ou inteligência cortesã não são lar espiritual de nosso profeta. Seu ninho efetivamente é a cultura sapiencial popular do jeito como era cultivada em aldeias interioranas. Amós é a voz do profeta.

Nosso profeta aparentemente não chegou a atuar em Judá (veja porém Am 1,2; 5,5; 6,1.5). Foi a Israel (7,15). [Assim], restringiu-se ao Norte, a Israel. Profetizou, com certeza, em Samaria (cf. 3,3-4,3; 6,1) e em Betel (cf. 4,4; 5,4; 7,10-17), Possivelmente também em Guilgal (cf. 4,4; 5,4). Fez-se, pois, presente nos dois centros de poder do Reino de Israel, na capital, Samaria, e no

principal centro cultural, Betel, de onde foi expulso (cf. 7,10-17).

Conforme Schwavante, [...] sua atuação em torno de 760 a. C. deve ter sido breve. Não foi muito além de um ano (cf. 1,1; 7,1-9; 8,1-3; 9,1-4).



De acordo com Milton, Intenso é o debate em torno da “profissão”, ou melhor, da origem social. Mas, opiniões são desencontradas. Para uns, Amós viria dos setores abastados. Para outros, seria originário dos setores empobrecidos. Ambos se apoiam nos mesmos textos, em especial 1,1 e 7,14-15. [...]. [Contudo,] constato que Amós sobrevive à base de três ocupações: pastor de ovelhas (cf. 7,15), pastor de gado/vaqueiro (cf. 7,14, veja também 1,1) e talhador de sicômoros (cf. 7,14). [No qual, sicômoros é uma espécie de figo pequena que serviam principalmente para alimentar os rebanhos].

Segundo Milton Schwantes, o ocasião de sua atuação profética em Betel, sobrevivia como vaqueiro e, simultaneamente, como trabalhador sazonal, tarefa para pobres. Pelo visto temos de localizar Amós entre a gente empobrecida do campo que tratava de ganhar a vida a base de diversas ocupações e de trabalhos sazonais. Amós é parte do campesinato pauperizado pela economia expansionista de Jeroboão II, no [Reino do] Norte (e de Ozias, no Sul). Conforme Milton, em resumo, Amós é gente do campo. Parece ser um trabalhador migrante. Sua origem em Técuá

propiciou lhe o acesso à cultura popular e inteligência clânico-sapiencial, bem como às tradições pastoris e a algum conhecimento da atividade comercial, já que sua terra fazia limite com o deserto e, simultaneamente, estava próxima à rota comercial pelas montanhas (Bersabéia-Hebron- Jerusalém).

Profecia na época de Jeroboão II (Schwantes p.14-15; Peetz p. 136-139)

De acordo com Schwantes, Amós é, pois, em termos históricos, o primeiro dentre os chamados “profetas clássicos”. [...] Na época, dois Estados se sobrepõem à vida do povo de Deus: no Sul, em Judá, comanda um (Ozias 787-735); no Norte, em Israel, Jeroboão II detém o poder. Amós atuou sob Jeroboão II. Jeroboão II da dinastia de Jeú, um general que- com algumas boas intenções e por meio de muitos massacres (cf. Os 1,4; 2Rs 9-10) – galgou o poder em 842. Jeroboão II mostrou serviço. Atesta-o seu longo governo de quarenta e um anos, desde 787 até 746.

Segundo Melanie Peetz, o cabeçalho desse livro [Amós], infere-se que Amós atua como profeta entre os anos de 767 e 760, sob Jeroboão II.

Conforme Peetz, sob Jeroboão II, filho e sucessor de Joás, Israel vive uma recuperação econômica.

De acordo com o relato bíblico Jeroboão II restabelece Israel com uma região de Emat até o mar de Arabá (a Síria até o Mar Morto, cf. 2Rs 14,25). O ponto de vista arqueológico, porém, tal extensão parece exagerada. O êxito militar sob Jeroboão II, isto é, os deslocamentos das Fronteiras em favor de Israel, só podem ser confirmados em menor dimensão. Não há dúvida,